



Apresentação Dossiê - Educação e infância: diálogos disciplinares

Márcia Buss-Simão¹

Rosa Batista²

A infância e sua educação não são temas recentes, desde há muito tempo a educação da infância tem sido objeto de estudo em diferentes áreas do conhecimento. O que pode ser considerado recente é uma perspectiva que questiona o caráter de conformação e de menoridade conferido às crianças, à infância e, conseqüentemente, à sua educação baseada na ideologia do desenvolvimento. Mesmo que hoje já exista um significativo número de pesquisas sobre a infância, quando comparamos com outras categorias sociais que já têm críticas e desmistificações sistemáticas das ideologias dominantes do capitalismo em relação à classe social, do colonialismo em relação à raça e do patriarcado em relação ao gênero, a infância carece, ainda, de uma crítica e uma desmistificação, pois a ideologia do desenvolvimento tem se mantido relativamente intacta no que diz respeito à infância³.

Neste esforço de crítica e desmistificação, nos últimos vinte anos, a consolidação dos estudos da infância busca aproximar fronteiras disciplinares e, como resultado deste movimento científico e político, vem reafirmando a necessidade de análises que considerem a complexidade das relações que envolvem a infância e sua educação. Como destaca Rocha (1999)⁴, a identificação desta perspectiva baseia-se, sobretudo, no reconhecimento da infância, em um movimento que busca bases teóricas alicerçadas especialmente na sua afirmação como categoria histórico-social e na atenção às determinações materiais e culturais que as constituem.

Neste sentido, um conjunto de definições conceituais, afirmações e críticas às orientações teóricas de cunho tradicional, instituídas na história da pedagogia e, em

¹ Doutora em Educação pela UFSC. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISUL. E-mail: marcia.simao@gmail.com

² Doutora em Educação pela UFSC. Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISUL. E-mail: rosab@terra.com.br

³ Para maiores informações ver: JENKS, Chris. Constituindo a criança. **Educação, Sociedade e Cultura**. n. 17, 185-216. 2002.

⁴ Para maiores detalhes ver: ROCHA, Eloísa Acires Candal. **A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia**. Florianópolis: UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 290 p. 1999.



particular, nos projetos de educação das crianças tomadas como indivíduos isolados - meros objetos da intervenção educativa - foram sendo produzidos no campo da educação da infância.

Objetivando ampliar os modos de compreender as crianças e a infância, tem-se buscado um diálogo com outros campos do conhecimento, especialmente com as ciências sociais. No campo da educação da infância, são recentes as contribuições da História⁵, da Psicologia⁶, como também da Antropologia e da Sociologia⁷, as quais ajudam a entender as crianças de forma mais concreta e plena, procurando reconhecer as inteligibilidades constitutivas de seus modos de ser e agir no mundo; inteligibilidades essas que, ainda hoje, pouco se sabe sobre ou se legitima.

Central na construção desse novo paradigma da infância foi a contribuição de Ariès (1981), ao iluminar novas formas de conceber a infância e as crianças e, com isso, provocar o rompimento da ideia de infância e criança universal; embora, em muitos aspectos, este autor tenha recebido críticas pertinentes, especialmente por descrever uma visão histórica linear e por apresentar limites metodológicos de pesquisa bastante estreitos. Todavia, a contribuição de Ariès (1981) trouxe elementos para se compreender que conceber a infância como uma categoria homogênea e única não permite evidenciar a pluralidade nos modos de viver a infância, pois as condições sociais concretas de vida das crianças sofreram e sofrem determinações que passam a constituir, de forma diferenciada, a própria infância, exigindo o tratamento e a constituição de uma categoria social plural, e não mais única.

Essa nova configuração social levou à intensificação de estudos e pesquisas no âmbito da educação da infância, ou seja, dos sujeitos de 0 a 12 anos conforme o Estatuto da

⁵ No Brasil podemos citar em particular: MONARCHA, Carlos (org). **Educação da infância brasileira 1875-1983**. Campinas SP: Autores Associados. 2001; e FREITAS, Marcos Cesar de; KUHLMANN JR. Moysés. **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez. 2002.

⁶ Referimo-nos à vertente da Psicologia sócio-histórica.

⁷ Conforme Halldén (2005), na década de 1980, Chris Jenks (1982), Qvortrup Jens (1987) e Alanen Leena (1988) foram os primeiros a introduzir um novo quadro, seguidos por Allison James e Alan Prout como co-editores do livro *Construindo e reconstruindo Infância* (1990). Este novo quadro voltou-se para a perspectiva das crianças e defendendo a necessidade de estudar as crianças em seu próprio direito, em contraposição à ideia de que são apenas indivíduos no caminho para a vida adulta. Seis teses foram formuladas, as quais estabeleceram uma plataforma paradigmática (JAMES; PROUT, 1990). Desde então, tem havido consideráveis pesquisas usando essa abordagem; o que começou como a sociologia da infância é, agora, um guarda-chuva amplo que abrange estudos da infância por pesquisadores das áreas de Sociologia, Psicologia, Educação, Antropologia, Geografia e História.

Criança e do Adolescente, como sujeito de direitos e a infância como construção social. É necessário, para isso, debruçar-se em conhecer as crianças em suas várias dimensões, também na composição das condições sociais, de gênero, étnica e demais fatores que constituem a heterogeneidade nos modos de viver a infância, sem perder de vista ou ocultar aquilo que, para além das diferenças, contribui para considerar a infância como categoria social; em outras palavras, os fatores de homogeneidade que as constituem.

As análises de trajetória da pesquisa em educação e infância⁸ permitem destacar que se tem consolidado um significativo avanço em relação aos diálogos disciplinares e teóricos na direção de uma ciência da educação, que tem como foco os processos educativos que envolvem as crianças – com negação às análises que as tomam como indivíduos isolados em uma abstração social e cultural.

A proposição deste Dossiê pretendeu privilegiar, a partir de resultados de pesquisas, contribuições disciplinares (Sociologia, Psicologia, Educação, Antropologia, Geografia e História, Filosofia, Mídia e Comunicação, Arte, Saúde, etc.) para a ação pedagógica em espaços coletivos de educação da pequena infância. Neste sentido, reúne pesquisadores que vêm colaborar para o aprofundamento dos estudos sobre a educação da Infância e proporcionar, ao leitor, uma percepção diversificada das diferentes áreas que estão presentes, discutindo a educação da infância na escola e na Educação Infantil.

Para abrir o dossiê, trazemos o texto de *Formación de la actividad gráfica en pre-escolares: aportes desde la neuropsicología histórico-cultural* de **Maria Jimena Sarmiento**, da Universidade Federal de Paraná e do Programa de Pós-Graduação em Educação e **Jackelin Castellanos**, da Universidad de Los Andes, da Colômbia. As autoras apresentam reflexões sobre o desenho como uma expressão fundamental na Educação Infantil, a partir de uma pesquisa realizada com 45 crianças de 5 e 6 anos em um grupo de Educação Infantil pública na cidade de Bogotá, na Colômbia.

Lenira Haddad e Luana Maria Moreira dos Santos Mendonça, ambas

⁸ Para maiores informações ver: QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zélia de Brito Fabri e PRADO, Patrícia Dias. **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas SP: Autores Associados. pp. 19-48, 2005; ROCHA, Eloisa Acires C. 30 anos da educação infantil na ANPED. In: SOUZA, Gizele. (Org.). **Educar na infância**: perspectivas histórico-sociais. 1ed. São Paulo: Contexto, v. 1, p. 157-170, 2010; ROCHA, Eloísa A. C.; BUSS-SIMAO, Márcia. Infância e educação: novos estudos e velhos dilemas da pesquisa educacional. **Educação e Pesquisa**. vol.39, n.4 pp. 943-954. 2013.

da Universidade Federal de Alagoas, com o artigo *“Não, não mate a bruxa! ela é nossa amiguinha!” entrada, aceitação e participação na cultura de pares em uma experiência de estágio supervisionado em educação infantil* apresentam caminhos percorridos por uma estagiária do curso de Pedagogia da UFAL para alcançar a condição de adulto atípico, termo utilizado por Corsaro (2005) para referir-se a uma postura não adultocêntrica de adentrar o universo infantil.

Eloisa Acires Candal Rocha e Fernanda Gonçalves, da Universidade Federal de Santa Catarina, apresentam *A produção científica sobre a educação de bebês e crianças pequenas no contexto coletivo da creche* em que, frente ao sugestivo aumento de estudos acerca das crianças na faixa etária de zero a três anos no contexto da educação coletiva, a partir da produção científica brasileira, buscam colocar em confronto e diálogo perspectivas de pesquisas que assumissem o compromisso de investigar aspectos relativos à educação dos bebês e crianças bem pequenas no contexto da Educação Infantil.

Jaqueline Delgado, da Universidade Estadual de Londrina, apresenta o texto *Entre os saberes e práticas das professoras de Educação Infantil - um estudo sobre os cuidados na primeira infância*. A autora busca conhecer a percepção das professoras sobre a organização do trabalho pedagógico na Educação Infantil e apontar as ações que envolvem os cuidados como elemento fundamental nas ações interações humanas, ou seja, entre professoras e crianças.

Aliandra Cristina Mesomo Lira e Geovana de Paula Bernardim, ambas da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO - Guarapuava - Paraná, contribuem com reflexões profícuas sobre *O profissional do gênero masculino na Educação Infantil: com a palavra pais e professores*, em que problematizam como o papel de professor de crianças pequenas foi sendo relegado à mulher, e buscam reconhecer a importância da formação do profissional para atuar na Educação Infantil, além de analisar a compreensão do ponto de vista dos professores e famílias quanto à atuação de profissionais do gênero masculino na educação da pequena infância.

Caroline Braga Michel e Alessandra Amaral Silveira, da Universidade Federal de Pelotas, e **Meri Rosane Santos Silva**, da Universidade Federal do Rio Grande, apresentam o texto *Recreio escolar: espaço e tempo de produção de interações infantis*. As autoras buscam

analisar, a partir do espaço e tempo de um recreio escolar, como se estabeleciam as relações de poder entre as crianças, isto é, como as interações infantis eram postas em funcionamento pelas próprias crianças, de forma geral, e problematizar o recreio enquanto um momento tido como livre e que, por isso, as ações infantis seriam ali intensificadas.

Gabriela Medeiros Nogueira, da Universidade Federal do Rio Grande-FURG, contribui com os estudos acerca da *Cultura de pares e cultura lúdica: brincadeiras na escola*, em que apresenta dados de uma pesquisa que teve por objetivo investigar os modos de brincar e as interações entre as crianças nos momentos de brincadeira no pátio da escola. A pesquisa, de perspectiva etnográfica, foi realizada em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal em Pelotas (RS), no período de 2008 a 2011, entretanto, este artigo prioriza análises e observações realizadas em situações de brincadeiras das crianças no pátio da escola no ano de 2010.

Marluci Guthiá Ferreira, do Centro Universitário Municipal de São José – USJ, traz reflexões importantes para ampliar o debate sobre a *Cultura lúdica e cultura midiática na contemporaneidade: o que as crianças pequenas revelam acerca desta relação*. Em seu artigo, apresenta o resultado de uma pesquisa concluída em 2014, cujo objetivo principal foi tentar compreender como as crianças se relacionam com as mídias eletrônicas na contemporaneidade, e como estas participam da configuração dos modos de viver a infância, a partir do estudo da cultura lúdica infantil. Para compor este dossiê, realiza um recorte de algumas cenas e narrativas das crianças a fim de revelar a relação que estas estabelecem entre o brincar e a cultura midiática nos dias atuais.

Ivana Martins Rosa e Patrícia de Moraes Lima, ambas da Universidade Federal de Santa Catarina, trazem sua contribuição para este dossiê com o texto *A politização dos discursos sobre a infância em cenários de pedofilização sobre o corpo*. O texto busca discutir sobre a pedofilização e as práticas sociais que incidem sobre o corpo na infância, a partir de uma pesquisa etnográfica iniciada em 2014 com crianças moradoras de uma comunidade na região da grande Florianópolis, de modo a conhecer como a infância é significada nos diferentes espaços institucionais e não institucionais e, desta forma, refinar a sensibilidade do olhar para as vivências das crianças, suas interações e criações culturais.

Heloísa Andreia de Matos Lins e Carla Fernanda Brito Bispo, ambas da

Faculdade de Educação da Unicamp, socializam o texto denominado *Literatura infantil e formação do leitor: atuação docente e participação dos pequenos na Educação Básica*, no qual apresentam e discutem alguns dos resultados de uma pesquisa qualitativa sobre as práticas de escolarização da literatura infantil com trinta crianças entre 6 e 7 anos, a partir da atuação de uma professora da Educação Básica da rede pública estadual da região de Campinas-SP.

Compondo a **seção especial memórias da infância**, temos a contribuição de **Gilcilene Dias da Costa** e **Jessé Pinto Campos**, ambos da Universidade Federal do Pará, com o ensaio *Memórias de infância e experiências de leitura: um diálogo com Proust*. No ensaio, os autores objetivam discutir o tema da leitura configurado no ensaio *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust, literato parisiense, espreitando o universo literário proustiano pelo viés da leitura a partir de suas memórias de infância, a fim de perscrutar experiências de leitura que levem a pensar, por um novo ângulo, os sentidos formativos da leitura.

Vilmar Alves Pereira, Jacqueline Carrilho Eichenberger e Vanessa Alves Vargas, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, trazem sua contribuição com o ensaio *Leituras da infância: da mimesis a indústria cultural*, no qual discutem os conceitos de memória e indústria cultural que contribuem para o alargamento de sentido da infância e da suposta crise anunciada desde várias décadas pelos estudiosos da infância. Por meio das leituras de Benjamin, Adorno e Horkheimer, apresentam os potenciais da memória e as possíveis influências da chamada indústria cultural no cotidiano de crianças, alterando de forma significativa suas vivências de infância, ao demonstrar que a relação entre memória e indústria cultural é mais próxima que se pensa.

Desejamos a tod@s uma boa leitura!

As organizadoras